

Micael Cardoso foi eleito, recentemente, líder do Partido Socialista de Penafiel. Em entrevista ao Jornal Aberto, o novo responsável partidário garante que pretende constituir o Secretariado da Comissão Política **mais pequeno de sempre**. Para ser efectivo e prático. Quanto à escolha de nomes, avisa que escolherá aqueles que melhor desempenham a função.

Micael Cardoso garante que, ultrapassado o acto eleitoral interno, pretende reunir a família socialista num único objectivo: mobilizar o partido, abrir o PS à sociedade civil e definir uma estratégia política consertada com todos os eleitos locais do PS, desde vereadores a membro da Assembleia Municipal e de Freguesia.

O primeiro sinal dessa vontade de pacificar está dado. Micael Cardoso revela que a tomada de posse da nova Comissão Política será fora da cidade de Penafiel e Rio Mau, onde a lista opositora venceu, é uma “excelente ideia”. Resume a contenda eleitoral a questões de estilo de fazer política. Recusa o conceito de uma facção socialista mais urbana que outra; a existência de um PS centralista e de outro periférico ou, do ponto vista ideológico, um PS mais ortodoxo que outro. Como recusa o epíteto de ser o rosto de um PS derrotado, após vinte anos de gestão autárquica.

Entrevista a Micael Cardoso

Presidente da Comissão Política Concelhia do Partido Socialista de Penafiel



“O PS de Penafiel entrou por situações que acho desajustadas e prejudicaram o Partido”

JORNAL ABERTO (J@) – Como analisa as eleições internas no Partido Socialista de Penafiel?

MICAEL CARDOSO (MC) – *Obviamente, que estou satisfeito por ter sido eleito. Mas fiquei ainda mais satisfeito pela elevada participação dos militantes, porque nos dá a indicação que há empenho dos militantes numa participação política activa no Partido Socialista.*

J@ – Houve duas listas...

MC - ...E os militantes escolheram a minha lista, o que quer dizer que desejam seguir a linha política que lhes foi proposta. Mas, reafirmo que não pretendo excluir ninguém, como já disse no dia das eleições. Aliás, isso não faz parte da minha maneira de ser. No entanto, há uma lista, uma moção política que foi votada e é essa que deve ser seguida, não obstante a algumas alterações que possam ser introduzidas. Estamos abertos a novas sugestões, desde que elas reforcem o peso político da Comissão Política Concelhia do PS de Penafiel.

J@ – Mas tem a noção que o acto eleitoral trouxe à tona uma forte crispação entre dois projectos políticos dentro do PS de Penafiel?

MC – Usa esse termo crispação?!.. Eu percebo por que motivo o usa, mas não definia a disputa eleitoral nesse termos. Houve dois projectos distintos. Acho que é saudável haver essa pluralidade de ideias e não vejo problema nisso. Nunca vi. Estou-lhe a dizer isso com muita sinceridade. As pessoas, às vezes, têm alguma dificuldade em interpretar essa pluralidade. Dizem “ai que o Partido está partido; está-se a afundar... as pessoas têm de se unir”... não percebo: então qual é o mal de você ter uma ideia sobre determinada matéria e eu ter outra?!

J@ – Mas há, ou não, um confronto ideológico dentro do Partido. Se calhar, uma linha mais ortodoxa que outra...

MC – É possível que, em alguns pontos de vista, isso possa acontecer. Mas se fizermos uma análise global, parece-me que as diferenças não serão muitas e aquelas que são revelam-se de uma forma mais visível. Acho que isso tem mais a ver com a forma de estar das pessoas, de fazer política, de conversar com a política...de interpretar a política local...

J@ – Ou seja, uns optam mais pelo confronto político puro e duro e outros escolhem um tom mais moderado...

MC – Se calhar...Mas note: ao longo destes anos, o PS de Penafiel foi confrontado com algumas situações desfavoráveis...

J@ – Mas o doutor Micael Cardoso também tem responsabilidade política nisso...

MC – Claro que sim, eu também tenho as minhas responsabilidade nas coisas boas e nas coisas más do PS no seu todo – e não fujo a essa responsabilidade – mas, obviamente, há gente com mais responsabilidade que eu. Não vamos ser agora anjinhos... (passo a expressão). Agora, acredito que há camaradas que optam por um outro estilo de fazer política. E isso respeito. Contudo, o meu estilo é mais pelo diálogo, uma forma de estar muito mais acessível e de criar alguma afectividade com as pessoas. Porque em determinadas alturas, se calhar o PS entrou por situações, não diria de confronto puro e duro, mas de algum confronto que acho desajustado e que acho que prejudica o partido.

“Eu também tenho as minhas responsabilidades nas coisas boas e nas coisas más do PS no seu todo – e não fujo a essa responsabilidade – mas, obviamente, há gente com mais responsabilidade que eu.”



J@ – O que é refundar o Partido Socialista de Penafiel?

MC – *Acho que nunca usei esse termo, embora admita que essa mensagem tivesse passado. Já agora, explico-lhe que essa expressão não quer dizer voltar ao passado, que deve ser honrado em toda a sua dimensão, pelas coisas boas e más, mas acho que o PS deve preocupar-se mais com os reais problemas dos penafidelenses e do PS. E ter uma linguagem diferente, recorrendo a métodos que nos levem às vitórias eleitorais. E não métodos que afastem as pessoas e criem desconfianças. Acho que há pouca simpatia para com o PS de Penafiel e acho que isso tem penalizado o partido a nível local, nos últimos anos.*

J@ – Como presidente da Comissão Política cabe-lhe definir as estratégias. Está a ver os vereadores a aceitarem essas orientações?

MC – *Claro, isto é um trabalho colectivo. O facto de eu ter sido eleito líder da concelhia não abdica de um acção política colectiva que é fundamental para regressarmos às vitórias eleitorais.*

J@ – Qual é o primeiro sinal que vai dar desse chamamento dos eleitos locais à sua comissão política?

MC – *Olhe, por exemplo, quero fazer a cerimónia de tomada de posse fora da cidade de Penafiel...*

J@ – Onde?

MC – *Ainda não sei, francamente...*

J@ – Rio Mau será um bom sítio?

MC – *Porque não? Porque não?... Sabe que a política vive de sinais e de símbolos... e até me parece que se a tomada de posse fosse em Rio Mau era um sinal positivo para, de uma forma séria, frontal, dizermos que, nós no PS de Penafiel, vamos tentar chegar a todo o lado e tentar trazer para dentro do partido militantes que estão afastados. E tentar fazer uma série de reuniões fora da sede (aliás, é uma ideia que já trago da JS).*

J@ – Ou seja, o partido tornou-se antipático para com o eleitorado?

MC – Não sei bem como lhe explicar esta ideia, mas veja: acho que o PS, nas últimas eleições, apresentou boas ideias ao eleitor, mas a forma como foram expostas, a forma como foi gerida a agenda política é que, se calhar, não trouxe resultados ao PS.

J@ – A derrota eleitoral foi um sinal?

MC – Penso que os resultados foram um sinal de que é preciso mudar. Infelizmente as coisas não correram bem, e ninguém ficou contente com isso...

J@ – Será, do ponto de vista intelectual desonesto, fazer a afirmação de que já havia uma candidatura à liderança do PS de Penafiel a ser preparada durante o acto eleitoral autárquico em que o PS perdeu contra Alberto Santos?

[sorrisos] ...Não, não... não havia nenhuma conspiração, se é isso que quer dizer. Aliás, devo dizer que fui abordado para me candidatar à liderança do PS muito depois das eleições autárquicas; e as pessoas foram conversando comigo. Como militante activo expressava a minha opinião até que fui desafiado a liderar esta lista...

J@ – Depois do processo eleitoral autárquico?

MC – Sim, muito depois do processo eleitoral autárquico. Que fique bem claro.



“Soube da candidatura do Fernando Malheiro pela Comunicação”

J@ – Houve algum contacto prévio entre o Micael Cardoso e o Fernando Malheiro na altura em que se começaram a projectar as duas listas?

MC – Soube da candidatura do Fernando Malheiro pela Comunicação Social. Permita-me que lhe diga que tenho um óptimo relacionamento com o Fernando Malheiro e quero mantê-lo.

J@ – Já percebi que refundar o partido é recentrar toda a estratégia política numa só...

MC – ...ter uma participação colectiva e uma intervenção crucial para dinamizar o partido, que nunca tivemos. É isso que quero, apenas. O PS de Penafiel tem de ter uma participação mais activa e mais cívica; e todos nós temos de fazer o esforço de abrir o partido à sociedade civil. O PS organizou durante muito tempo debates e conferências e nós também queremos fazer isso. Agora há aqui uma questão: o que sentimos é que, quem assiste e participa, são apenas as pessoas ligadas ao PS. Porque ainda há o estigma em algumas pessoas que recusam assistir a uma iniciativa cívica do PS. O que pretendo é criar modelos para que os cidadãos participem activamente, sem terem medo de se sentirem conotados com o PS. Por exemplo: imagine que trazemos um governante a Penafiel para um debate. Sabe que há pessoas que se queixam que os partidos não se abrem à sociedade civil, mas quando abrimos o partido elas não aparecem...

J@ – Pela primeira vez, o Partido Socialista de Penafiel está confrontado com um Secretariado da Comissão Política que não resulta de uma lista única.

MC – *Sim, é verdade.*

J@ – Na Comissão Política há 45 pessoas, 29 afectas à sua lista, 16 à do seu opositor interno...

MC – *Sim e cabe à Comissão Política aprovar ou não a proposta do Secretariado...*

J@ – Que são dez elementos...

MC – *Entre seis a dez...*

J@ – E como vai escolher o seu Secretariado? Provavelmente são elementos da sua lista?

MC – *Pode não ser assim. Estou a meditar sobre esse assunto. Mas garanto-lhe que vou constituir o Secretariado mais pequeno da história recente do PS de Penafiel. Para ser um Secretariado mais efectivo e mais prático.*

J@ -Seis?

MC – *Talvez.*

J@ – Então vai incluir elementos da outra lista?

MC – *Não disse isso. Vou escolher aquelas pessoas que entendo que desempenham melhor a função política do Secretariado. Ninguém espere de mim outra opção.*

J@ – Voltemos ao PS de Penafiel. Há secções no concelho. Fica-se com a ideia que há uma dicotomia entre o centro e a periferia...

MC – *Se analisarmos as secções políticas locais do ponto de vista geográfico poderemos falar noutro aspecto. Agora a secção de Penafiel engloba todas as outras freguesias militantes de quase todo o concelho. Não é só da freguesia de Penafiel.*

J@ – Mas, por exemplo Rio Mau, não está na secção de Penafiel.

MC – *Eu percebo o quer dizer...*

J@ – Há ou não um eixo urbano centralista e uma periferia militante?

MC – *Entendo que não. Mas note, há militantes que só participaram no Partido em determinados momentos e isso é que deve ser discutido. Essa periferia pode ser colocada (entre aspas) a uma participação que também é periférica e que só se centraliza quando há alguns interesses...*

J@ – Como vencer eleições e conquistar a liderança do Partido?...

MC – *É possível. É possível... mas o que me preocupa é que os militantes do Partido Socialista não podem, nem devem, participar, apenas, em determinados momentos, têm de participar em todos; e há secções onde os militantes só participam em determinados momentos do Partido e isso não me parece correcto. Repare que eu fiz uma lista com militantes de várias freguesias para alargar o espaço político e geográfico.*

“Quero ter o melhor relacionamento com os nossos vereadores”



J@ – Teve como opositores internos vereadores socialistas. Como se processa agora o relacionamento entre o líder do Partido e os autarcas?

MC – *Normal. Como até aqui.*

J@ – Mas não teme que, por hipótese, esses vereadores passem ao estatuto de independentes?

MC – *Sinceramente nunca tal me passou pela cabeça. Como é óbvio, quero ter o melhor relacionamento com os nossos vereadores e com os nossos membros da Assembleia Municipal de Penafiel e das Freguesias. Era só o que faltava se assim não fosse. Agora, a responsabilidade política tem de ser assumida por todos. Agora só há um PS, uma Comissão Política e os eleitos representam o PS, obviamente. E, passo a redundância, toda a discussão política passa pela Comissão Política. É para isso é que existimos. Não faz sentido que, porque fomos oponentes, as pessoas se comportem por formas paralelas. Nem eu quero que isso aconteça. Aliás quero reunir fora da sede muitas vezes para me encontrar com os militantes de todas as freguesias.*

J@ – Uma presidência aberta?...

MC – *[risos] talvez...mas não queria falar nisso porque...*

J@ – Lembra-lhe Mário Soares...

MC – *[gargalhada] ...o Mário Soares de outros tempos, de boa memória... Não é isso: quero fazer comissões políticas mais abertas e mais próximas das pessoas. Não faz sentido que as pessoas se fechem na sede e esqueçam as freguesias...Por exemplo, em Abragão temos um grupo de militantes, então por que razão não se vai lá? Isso é um instrumento que podemos utilizar para a dinamização do PS. É possível.*



“Ninguém gosta de ver militâncias cirúrgicas em determinados momentos que são imensamente importantes para o PS de Penafiel”

J@ – Há algum período na história recente do PS de Penafiel que possa identificar a génese deste confronto político interno?

MC – [silêncio] ... *isso é uma pergunta difícil de responder. Tínhamos que analisar várias situações para regressarmos à génese dessa disputa e, se o fizesse, poderia correr o risco de ser injusto para com algumas pessoas. Houve vários contextos políticos. A partir de determinada altura ... Repare: quando se criam secções isso é bom, mas como lhe disse essas secções existem para se fazer um trabalho sistemático e que os seus militantes participem. E não só em determinados momentos da vida do Partido. Acho que é aí que poderá haver alguma intenção de fraccionar porque a militância exerce-se em momentos cruciais, esporádicos mas cruciais, e, como se compreende, causa mal-estar. É como os amigos. Os amigos têm uma forma continuada de conversarem, mesmo afastados... portanto, parece-me que essa falta de contacto deteriora o espírito partidário porque ninguém gosta de ver militâncias cirúrgicas em determinados momentos que são imensamente importantes para o PS de Penafiel.*

J@ – Um papel que cabe ao líder...

MC – *Sim, esse é o nosso papel. Quem ocupa lugares de máxima responsabilidade política tem de dar sinais e tem de ter um comportamento ajustado àquilo que diz. Tem de praticar, evitando jogos de cintura para agradar a A , B ou C. A responsabilidade dos militantes é individual e cada um tem de estar de acordo com a linha estabelecida, a que venceu.*

J@ – Digerir com serenidade o resultado eleitoral?

MC – [sorriso] *não, nada disso. Eu também tenho de digerir [risos] ...*

J@ – O doutor Micael Cardoso vai ser um presidente durante dois anos, num período em que, do ponto de vista político, não é previsível que algo de novo aconteça para mobilizar portugueses...

MC – *Porque o país não terá eleições???? Há muito mais coisas para fazer do que se pensar em eleições.*

J@ – Costuma-se dizer que os Partidos escolhem líderes especiais nestes períodos “do nada acontece”... Ou seja, líderes transitórios para um período vazio...os chamados, na gíria política, carregadores de piano.

MC – [gargalhada] *Não me coloco nesse contexto. Até nem sei tocar piano e como tal descarto esse epíteto. Apesar desse contexto político morno porque não há eleições, a oposição política exerce-se sempre. Há imensas coisas para fazer. A oposição é dinâmica. Não vamos hibernar como alguns disseram. Vamos trabalhar desde já e isso exige muito trabalho colectivo. Esse vazio político é verdadeiro por um lado, mas falso por outro. Porque temos de trabalhar para ter resultados eleitorais quando chegar a altura própria.*

J@ – O que é melhor para o PS de Penafiel: refrescar, mobilizar ou renovar?

MC – *Boa pergunta. Isso parece um antivírus de três R (erres) [gargalhada] ... O reutilizar também toca nesse contexto? [gargalhada] Não sei. [silêncio] ...eu acho que renovar, renovar...renovar, sinceramente.*

J@ – Recebeu felicitações pela vitória eleitoral de algum responsável político do seu partido, ou de outros?

MC – *Fui saudado pelos militantes no próprio dia, inclusive pelo Fernando Malheiro...e por outras pessoas e isso é que me deixa satisfeito. Houve mais gente que me telefonou mas permita-me não revelar nomes.*

Nota do Moderador: As palavras colocadas entre [] são da responsabilidade do Moderador. Porque podem ajudar a compreender o ambiente em que decorreu a entrevista.